

CAMINHOGRAFIA URBANA COM ESCOLAS

CAROLINA SPILIMBERGO FREIJ¹; JAQUELINE HARUMI DIAS TAKAHASHI²;
GABRIELE VARGAS DA SILVA MOREIRA³; TAÍS BELTRAME DOS SANTOS⁴;
EDUARDO ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – carolinasfreij@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabivargas.arquitetura@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabivargas.arquitetura@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul – taisbeltrame@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – eduardo.rocha@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o projeto de extensão *Caminhografia Urbana COM Escolas*¹, desenvolvido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em parceria com escolas públicas do município. Inserido na área de Arquitetura e Urbanismo, o projeto dialoga diretamente com a Educação e as Ciências Sociais, propondo práticas que estimulam o senso crítico dos estudantes em relação ao espaço urbano onde vivem.

O tema central é a caminhografia urbana no contexto escolar, metodologia que combina a caminhada com a cartografia, proporcionando uma experiência prática, ativa e integrada à realidade da escola, concebida como um projeto com e não para a comunidade escolar.

A caminhografia urbana pode ser compreendida como uma prática investigativa e poética que articula o ato de caminhar pela cidade com a produção de registros, narrativas e reflexões críticas sobre o espaço urbano. Mais do que um simples deslocamento, ela constitui um método de leitura e escrita do território, em que os passos se transformam em gesto de pesquisa e criação. Essa abordagem, que entrelaça experiência corporal, sensibilidade estética e análise social, encontra fundamentação no *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha; Santos, 2024), obra que sistematiza conceitos, vocabulários e práticas associados a essa forma de compreender e intervir na cidade.

A problemática que norteia a iniciativa é a baixa relação dos estudantes com o entorno das instituições de ensino. O espaço urbano é, portanto, tratado como um campo de aprendizagem, a partir de diversas atividades práticas. Ao adaptar a metodologia da caminhografia ao contexto escolar, busca-se despertar nos estudantes percepções sensoriais e afetivas sobre a cidade, incentivando a produção de mapas afetivos e sensoriais por meio de oficinas de cartografia social. Esse processo possibilita a compreensão das diferentes camadas que compõem o espaço urbano, como mobilidade, segurança, uso do solo e relações sociais.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste na adaptação da caminhografia urbana à realidade escolar, estruturada em cinco etapas principais:

¹ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiacomescolas/>

1. **Preparação e formação de professores** – Capacitação dos docentes das escolas parceiras para atuarem como facilitadores nas caminhadas e atividades reflexivas.
2. **Caminhadas guiadas com estudantes** – Realizadas no entorno das escolas parceiras, utilizando técnicas diversas de registro e estimulando reflexões sobre o espaço urbano.
3. **Oficinas de cartografia social** – Produção de mapas afetivos e sensoriais, com recursos manuais e digitais, a partir das percepções coletadas nas caminhadas.
4. **Debates e reflexões coletivas** – Discussões em grupo sobre desigualdade, segurança, mobilidade e demais aspectos urbanos que afetam o cotidiano dos estudantes.
5. **Exposição final** – Apresentação aberta à comunidade, reunindo fotografias, desenhos e mapas produzidos, fomentando o diálogo entre estudantes, professores, universidade e poder público.

Nesse processo, torna-se fundamental recuperar a perspectiva freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ao caminhar pelo bairro, as crianças não apenas exploram ruas, praças e equipamentos urbanos, mas também produzem uma leitura crítica de sua realidade cotidiana, identificando elementos de pertencimento, contradições e desafios de seu território. Assim, a caminhografia urbana no contexto escolar se aproxima da pedagogia de Paulo Freire, ao transformar o ato de caminhar em prática educativa que articula experiência sensorial, diálogo e consciência social, contribuindo para que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos na construção da cidade (Freire, 1982).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Até o momento, foram realizadas pesquisas e análises bibliográficas sobre o tema, reunindo diferentes abordagens de caminhografia com jovens. Também foi promovida formação com professores e estudantes de pedagogia, como preparação para a realização de uma caminhografia pelo bairro Porto.

Essa atividade teve como objetivo aproximar a Faculdade de Educação de entidades e movimentos sociais, culturais e comunitários, além de promover a interação entre os estudantes. A imersão em campo possibilitou aos participantes compreender, de forma teórica e prática, a pedagogia como área de conhecimento e a docência como prática educativa e sociocultural, utilizando elementos teórico-metodológicos de observação e análise de diferentes espaços educativos.

Figura 1 - Atividades com estudantes de pedagogia.



Fonte: dos autores, 2025.

A caminhografia, realizada em duplas, propôs o registro e a reflexão sobre o espaço urbano percorrido, a partir da pergunta central: “O que me dizem sobre o Canal São Gonçalo?”. O percurso se deu pela região do Quadrado/Doquinhas, contemplando aspectos urbanos, culturais e sociais. Durante a caminhada, cada dupla utilizou um *Livro Paisagem* para registrar impressões, desenhos, palavras e frases, além de realizar diálogos com moradores e frequentadores do local.

Ao final, os grupos apresentaram seus registros e participaram de um debate coletivo, compartilhando percepções, histórias e reflexões levantadas pela experiência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda em fase de desenvolvimento inicial, o projeto já demonstra sua relevância social. A atividade de caminhografia no bairro Porto com estudantes de pedagogia evidenciou o potencial da proposta para promover momentos de aprendizagem, reflexão e envolvimento ativo. O projeto *Caminhografia Urbana COM Escolas* oferece aos estudantes a oportunidade de vivenciar a cidade de maneira mais profunda e crítica, fortalecendo o vínculo com o espaço em que vivem e estimulando uma compreensão mais ampla das questões urbanas. Dessa forma, contribuirá para a formação de cidadãos conscientes e protagonistas na construção de um futuro mais inclusivo e sustentável.

Nesse sentido, o projeto *Caminhografia Urbana COM Escolas* pode ser compreendido à luz da proposta de Fernando Fuão em *A Universidade Incondicional*, na medida em que a universidade se abre para além de seus muros institucionais, colocando-se em diálogo incondicional com a cidade e com a comunidade escolar. Ao propor caminhadas e registros críticos no entorno das escolas, o projeto assume a experiência urbana como prática de conhecimento, não limitada às estruturas convencionais de ensino, mas expandida para um campo de liberdade, criação e experimentação. Assim como defende Fuão, trata-se de uma universidade que se faz lugar de acolhimento do inesperado e do encontro com o outro, afirmando sua potência ética, estética e social no cotidiano da vida urbana (Fuão, 2006).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FUÃO, Fernando Freitas. A universidade incondicional. **Arquitextos**, São Paulo, ano 7, n. 073.06, jun. 2006. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.073/348>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos (orgs.). **Verbolário da Caminhografia Urbana**. Pelotas: Caseira, 2024.